

PMB 1.1.2

JUBILEU DE UM PROFESSOR UNIVERSITARIO

A homenagem ontem prestada pela União Democrática Nacional ao prof. Fonseca Teles, presidente do conselho tecnico consultivo daquela instituição — Os discursos proferidos pelos srs. prof. Waldemar Ferreira, Plínio de Queiroz e pelo homenageado



O dr. Plínio de Queiroz quando proferia a saudação ao prof. Fonseca Teles, aspecto da mesa que presidiu á solenidade e o homenageado agradecendo

nhã
nina-
s, no
silica
la de
za-se
to do
esen-
a est
s. 3)
reso-
Fran-
clina
que
ção
ano"
ueira,
xillar
das
"Ma-
Fran-
"Tota
ozes.
ntifi-
de
o. ses-
Can-
da
nga.
pudia
vo-
de
as, a
to.
XII
resso
Plo
do
As-
sina
e S.
VI-
ção
aba-
o do
Maria
deste
usos
olico
inista-
ca.
NO
Conto-
s, e la
for-
onta-
a em
con-
s no
nos,
ilo.
O
MES
mal-
o do
obro
ma-
300;
ates,
ele-
ra-
104;
mes
logi-
futo
sbou
total
Ele-
on-
Ben-
sr.
In-
de
0,00;
Ar-
on-
agri-
0,00;
Ma-
de
apa-
0,00;
dr.
anco
Cr\$
aris
on-
ne-
P.S
reca
fos,
Ja-
ing-
re-
no
do
o-
e
te
do
a.
u.
os
a-
e,
il
o
do
o-
e
te
do
a.
u.
os
a-
e,
il
o

Por motivo de seu jubileu no magisterio superior, a que prestou os mais assinalados serviços, o prof. Francisco E. Fonseca Teles, catedrático de Eletrotécnica da Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo e presidente do Conselho Técnico Consultivo da União Democrática Nacional, foi alcoado ontem, na primeira parte da reunião do Conselho Estadual, realizada às 17 e 30 na sede do Partido, de expressiva homenagem da qual participaram todos os membros do Diretorio Estadual, componentes de diretorios municipais e distritais, diretores de departamentos, deputados federais e estaduais, vereadores, correligionários e amigos do homenageado.

A solenidade foi presidida pelo prof. Waldemar Ferreira, presidente do Diretorio Estadual, tendo participado da mesa, além do homenageado, prof. Fonseca Teles, a dra. Carlota Pereira de Queiroz, do Conselho Nacional da U. D. N.; prof. Almeida Junior e Joaquim Cadelino Filho, vice-presidente do Diretorio Estadual; deputado Ernesto Ferreira Lopes, secretário geral; Juvenal Bonilha de Toledo, vice-presidente do Conselho Técnico Consultivo; prof. Ernesto Leme, Plínio de Queiroz, Julio de Mesquita Filho, diretor desta folha; Antonio Pereira Lima e Miguel Paulo Capalho, sub-secretário geral do Diretorio Estadual.

Achavam-se ainda presentes também os srs. Henrique Bayma, prof. Almeida Prado, deputados Piza Sobrinho, Esny Silveira e Ferraz Egreja; Prudente de Moraes Neto e Moacir Amaral Santos, respectivamente diretores do Departamento da Capital e do Interior da U. D. N.

Abrindo os trabalhos, o prof. Waldemar Ferreira proferiu algumas palavras de saudação ao prof. Fonseca Teles dizendo que, ao mesmo tempo que os membros do Conselho Estadual da U. D. N. sentiam o afastamento do ilustre homenageado da cátedra da Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo, a que dera as luzes de seu grande talento, viam com satisfação tornar-se mais efetiva a sua presença no Conselho Técnico Consultivo do partido, em virtude de seu jubileu no magisterio superior. Referiu-se ainda o prof. Waldemar Ferreira ás qualidades excepcionais de professor e homem publico do prof. Fonseca Teles, dando a palavra, a seguir, ao dr. Plínio de Queiroz, membro do órgão tecnico do partido, para saudar o homenageado.

DISCURSO DO ENGENHEIRO PLÍNIO DE QUEIROZ

Usando da palavra, o dr. Plínio de Queiroz proferiu o seguinte discurso:

"Tendo ocorrido, em julho deste ano, a jubilação do professor Fonseca Teles, que é, sem dúvida, uma das maiores expressões do nosso partido, não podia a União Democrática Nacional — Seção de São Paulo — deixar passar esta oportunidade para vir testemunhar a esse eminente companheiro de luta e de ideais, o nosso apreço, a nossa veneração, o nosso respeito. Bem acertado andou, pois, o diretorio quando resolveu que, nesta reunião solene, fossem prestadas nossas homenagens a este preclaro cidadão, a este exemplo de civismo, a este padrão de dignidade e de caráter, a este inflexível batalhador pela grandeza e felicidade do Brasil.

Errado certamente andou o mesmo diretorio, em incumbir-me desta honrosíssima e agradável missão. Entre nossos brilhantes companheiros encontrar-se-iam muitos que, com mais brilhantismo e com mais eloquência poderiam dela se desempenhar.

Esta escolha só posso atribuir, talvez, ao fato de ser um dos seus maiores admiradores nesta nossa já longa jornada, em que tivemos a oportunidade de verificar e de admirar cada vez mais as excelsas qualidades de Fonseca Teles, quer como professor, quer como cidadão, quer como homem de Estado, e, só por isso, certamente, foi que sobre meus ombros recaiu tão grande responsabilidade. Meus senhores.

Depois de terminados os seus estudos de humanidades, em um belo dia do ano de 1904 partiu para a Europa o jovem camponês Francisco Emílio da Fonseca Teles, que iria, nos bancos da Universidade de Liège e nos cursos especializados do grande professor Eric Gerard, adquirir mais saber e adquirir maior cabedal no manuseio das disciplinas que o iriam transformar no mestre insigne de um dos mais atraentes e interessantes ramos dos conhecimentos humanos, tais como sejam os problemas da produção, transporte, distribuição e utilização da energia elétrica — um dos pedais da civilização moderna.

Realmente, não se pode conceber hoje civilização sem os meios rápidos de transporte, sem os Raios X, sem a tele-comunicação, sem as grandes centrais de energia, sem a eletro-química, sem a electronica, sem os bombardeamentos dos átomos.

Altraído pelo estudo desses surpreendentes fenômenos da natureza, dominados pelo cérebro humano, o jovem paulista, depois de realizar cursos dos mais brilhantes, tendo como colega brilhantes expressões do saber universal dessa época, parte de regresso á sua Pa-

tria, empunhando dois gloriosos diplomas: um de engenheiro de minas e outro de electricista, fornecido pelo celebre Instituto Montefiore. Vinha Fonseca Teles aureolado, não só com seus estudos especializados, como alicerçado por uma profunda e impressionante cultura generalizada, que fizeram que ele se tornasse um dos maiores, senão o maior professor em nossa terra das materias a que se dedicou. Aquil chegado, ingressou imediatamente para o corpo de professores de nossa Escola Politécnica, depois de brilhantissimo concurso, e ali inicia seu apostolado de mestre insigne, no qual se destacou, entre nós, pela feição eminentemente didática que deu a seu curso. Dedicou-se inteiramente ao ensino, sem jamais se preocupar com o aspecto material da profissão, sem jamais se deixar seduzir por interesses pecuniarios. Foi um grande exemplo de mestre.

Professor com por cento, dedicava suas atividades ás aulas e aos trabalhos de gabinete, onde sempre se seus alunos o encontravam para receber esclarecimentos e orientação em seus estudos e pesquisas. Durante 35 anos, Fonseca Teles, como ele mesmo declara, nunca deixou de preparar suas magistrais e succulentas aulas. Se foi notável pelo saber, pela assiduidade e pela frequência em sua cátedra e em seu gabinete, mais ainda o foi pelo critério de justiça e alto senso de responsabilidade que sempre revelou quando chamado a julgar seus alunos, em exames, ou seus colegas, em concursos. No decorrer desses trinta e cinco anos, seu nome, na tradicional Escola, sempre

aureolado e respeitado, foi guilvado ás alturas de suas maiores figuras, tais como Paula Sousa, Ramos de Azevedo, Santiago, Alexandre de Albuquerque e outros. Em 1930, foi elevado ao cargo de diretor daquela Escola, cargo que exerceu durante pouco tempo, devido aos agitados episodios politicos de então, mas sempre com a mesma altaneria, a mesma galhardia com que costuma pautar todos os atos de sua vida. Quando o inolvidavel paulista Armando de Salles Oliveira intentou a fundação de nossa Universidade, foi ele encontrar em Fonseca Teles um dos seus mais eficientes e entusiastas colaboradores, procurando incutir os rumos que fizeram que dela saíssem alunos que hoje honram nossa Patria nos maiores centros de pesquisas científicas do mundo.

Mas, ao lado do mestre brilhante nas cátedras de Eletrotécnica e suas aplicações havia também o professor de civismo, cuja atuação não podia ficar restrita ao âmbito das escolas e da Universidade. Sua atividade, suas características de cidadão tinham que se transbordar para fora desses âmbitos, e é por isso que vemos, há mais de um quarto de século, Fonseca Teles batalhando pela moralidade de nossos costumes politicos, com a habitual elegância, a firmeza de princípios e a coragem cívica que o caracterizam. Durante esse longo periodo, constatamos a sua atuação nas colunas de nossos jornais, proflagando as oligarquias que nos infelicitavam; vemo-lo nos comícios, batendo-se pela implantação de voto secreto e defendendo os eternos e sagrados princípios da liberdade e da democracia e da dignidade dos povos civilizados.

Sem jamais ter o menor gesto de indecisão, sem o mais leve resquício de condescendência, tem sido sempre Fonseca Teles um lutador intránsigente contra a nefanda ditadura que tanto enodou as paginas de nossa Historia! Certamente, devido á essas excelsas qualidades, foi que o eminente dr. Laudo de Camargo o convidou para exercer, no governo de São Paulo, o cargo de secretário da Viação e Obras Publicas.

Afastado do governo o dr. Laudo, volta Fonseca Teles para reassumir o cargo de presidente do Instituto de Engenharia de S. Paulo, de onde teria de ser afastado, para, novamente, ocupar o mesmo cargo de secretário da Viação, no glorioso 23 de maio, fazendo então parte do secretariado de Pedro de Toledo, que nos devia guiar para os inolvidáveis dias de 32.

O que foi Fonseca Teles nesses memoráveis dias, que mediam entre 9 de julho a 23 de outubro, é bem sabido por todos aqueles que tiveram a felicidade e a honra de mourejar a seu lado na defesa de São Paulo e na ingente luta de reconstitucionalização de nossa Terra. Sua intrepidez, sua firmeza de atitudes, sua capacidade de decisão, sua dignidade de paulista explodem então em toda a sua plenitude, evidenciando-o ao lado de Waldemar Ferreira e Paulo de Moraes Barros, como os grandes nomes da Revolução Constitucionalista de São Paulo. Exerceu Fonseca Teles o cargo durante esse espinhoso periodo, até o dia em que, detido pelas forças da ditadura, foi remetido para o Rio, de onde deveria dentro em breve partir para o exílio que durou um ano.

Como exilado, em terras estranhas, continua ele a honrar a nossa cultura e a batalhar pelos ideais de liberdade e de democracia. Meus senhores, A vida publica e cultural de Fonseca Teles que procurei resumir, em

rápido bosquejo, com essas formidáveis raízes no passado, não pode ainda ser considerada como encerrada por motivo de seu justo jubileu; não tem ele ainda direito de gozar o merecido descanso. Não! Neste momento, em que dentro os grandes problemas que afetam a economia do Brasil, se destacam, sem a menor dúvida, os relativos aos meios de transporte e á produção de energia; neste momento em que vemos grandes obras em execução para eletrificação do Rio Grande do Sul; neste momento em que Minas Gerais se atria á construção de enormes centrais hidroelétricas; neste momento em que o País se aventura ás arrojadas e problemáticas obras de utilização da Cachoeira de Paulo Afonso; neste momento em que São Paulo já se vai debatendo em meio da tremenda crise de energia que se aproxima; neste momento em que avultam os problemas de eletrificação de nossas grandes estradas de ferro, como a Central do Brasil, a Santos-Jundiaí e tantas outras; neste momento em que precisamos, sem tardança, melhorar nossos meios de transportes terrestres, marítimos, fluviais e aéreos; neste momento, nós que possuímos, em nosso meio, uma reserva moral, uma reserva cultural, uma reserva cívica de um Fonseca Teles, não podemos e nem devemos, a bem de nossa Patria, conceder a ele o tão justo "otium cum dignitate".

Não podemos deixar de recorrer ás sabias lições que um mestre da sua estatura pode ministrar para bem da Nação.

Ele, a quem se pode aplicar, com justiça, as imortais estrofas do imortal Florentino "tu Duco — tu

CONFERENCIAS E CURSOS
CURSO DE EDUCAÇÃO DOMESTICA SANTA RITA
Em sua sede, á av. Angelica, 525, telefone 51-8547, acham-se abertas as matrículas para o Curso de Educação Domestica Santa Rita, dirigido pela sra. Marilice Prestes. Compreende o curso, que se destina á formação doméstica de jovens e senhoras, as seguintes materias: Economia Domestica, Corte, Costura, Bordado, Tricô, Cozinha, Puericultura, Enfermagem do lar, Decoração, Etiqueta Social e Cosmética. As aulas, de caráter pratico, são ministradas com projeções. Funcionam, pela manhã e á tarde, varias turmas, compreendendo a turma regular, de março a novembro; a turma intensiva para noivas e recém-casadas, com duração de 4 meses, e uma turma extra de cozinha, trabalhos manuais e costura. Para matrícula são exigidos os seguintes documentos: atestado medico de saúde e vacinas; atestado de idoneidade; atestado de instrução; caderneta de identidade ou certidão de idade; 2 fotografias 3x4. CURSOS DA ASSOCIAÇÃO CRISTA DE MOÇOS
Acham-se abertas na sede da Associação Cristá de Moços, á rua Santo Antonio, 201, as matrículas para os seguintes cursos: Inglês, Direito do Trabalho, Ditação e Interpretação, Formação da Personalidade, Organização Psico-racional do Trabalho e Comercial Rapido. CURSO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
Acham-se abertas, na Escola Universitaria de São Paulo, as matrículas para a nova turma do curso de Orientação Educacional a iniciar-se no dia 1.º de fevereiro, com duração de 1 mês. Informações e programas, na Rua Libero Badaró, 561 - 2.º andar.

ASSISTENCIA VICENTINA AOS MENDIGOS
COLONIA AGRICOLA BUSSOCABA
Pará os indigentes do sexo masculino, a Assistencia Vicentina aos Mendigos mantem, nas proximidades de Osasco, a Colonia Agricola Bussocaba. Durante o ano de 1949, o movimento dessa Colonia foi o seguinte:
Existiam em 31-12-1948, 233 internados; no decorrer do ano, entraram mais 403 desvalidos, saíram 302 e faleceram 75, passando para o corrente ano 259 indigentes internados.

A Assistencia Vicentina ao recolher os desvalidos em seus asilos, não se limita a dar-lhes pouxada e alimentação; mantem ainda enfermarias para tratamento dos doentes. Na Colonia Agricola Bussocaba, as enfermarias totalizam 150 leitos, estando os doentes sob os cuidados de dois facultativos. Durante o ano de 1949 o movimento das enfermarias de Bussocaba foi o seguinte:
Encontravam-se sob tratamento no dia 1.º de janeiro de 1949, 82 enfermos; no decorrer de 1949 entraram mais 347 enfermos, obtiveram alta 257 e faleceram 70, passando para este ano 112 doentes sob tratamento.

Foram applicadas 11.257 injeções intramusculares; 2.039 injeções endovenosas; administrados 15.957 medicamentos por via oral; feitos 6.403 curativos e praticadas 7 intervenções de pequena cirurgia. No gabinete odontológico, foram feitas 226 extrações, 273 obturações diversas, praticadas 114 intervenções de pequena cirurgia e 786 curativos. E' dever de cada um dar um pequeno auxilio para socorro dos necessitados. Inscreva-se como contribuinte mensal da Assistencia Vicentina aos Mendigos, em sua sede á rua Aureliano Coutinho n. 109 ou pelo tel. 51-7413

Meu amigo, o companheiro de um quarto de século de lutas se não o merecido?

Ao Diretorio Estadual, ao professor Waldemar Ferreira e ao amigo Plínio, e demais correligionarios que participaram desta homenagem, os meus cordiais agradecimentos.

Após o discurso do prof. Fonseca Teles, que recebeu aplausos de todos os presentes, foi suspensa a reunião por 10 minutos, prosseguindo depois os trabalhos normais do Conselho Estadual da U. D. N.

MEU AMIGO, O COMPANHEIRO DE UM QUARTO DE SÉCULO DE LUTAS SE NÃO O MERECIDO?

Professor Fonseca Teles: Em nome de nossos companheiros de luta e de ideais eu vos saúdo, transmitindo os nossos mais vivos sentimentos de veneração e nosso respeito, ás nossas homenagens!

AGRADECIMENTO DO PROF. FONSECA TELES
Em agradecimento á homenagem que lhe fora prestada, o prof. Francisco E. Fonseca Teles proferiu a seguinte oração:
O Diretorio Estadual houve por bem dedicar alguns instantes da reunião deste Conselho a uma singela homenagem, motivada pela minha recente jubilação na Escola Politécnica.

Como consequencia, ouvistes, nas palavras tão ilsonjeiras, que o nosso presidente e o Plínio acabam de proferir, a saudação dos meus amigos do Diretorio.

Minha atuação politica sempre foi pouco destacada. Nem tenho, sequer, um acentuado pendor para a vida publica. A politica brasileira, que é, segundo Martin Francisco, de temperamento aquiescente e estomacal, não podia ter muitos atrativos para mim ou para mim.

Creio que somente a compreensão do dever de todo cidadão em tomar parte na vida politica do País poderia induzir-me a ingressar nela, pouco sociavel e menos ambicioso como me julgo. Esta negação de muitos elementos do nosso meio pelos assuntos politicos é tão acentuada que não me lembro, neste momento, de qualquer colega da Escola Politécnica que pertença ostensivamente a um partido. E esse "absenteísmo" não é dos menores males de que padece nossa terra, tornando-a tão facilmente presa de aventureiros.

Felizmente, encontrei na União Democrática Nacional um partido o unico do seu genero no Brasil, onde existe realmente uma organização partidaria, e no qual se luta, de pelo descoberto, desinteressadamente e por princípios, contra a legião de cangaceiros e de "gangsters" que procuram apossar-se do poder.

Para que se possa aquilatar a exatidão dessa afirmativa, basta lembrar os ataques furiosos de que é alvo a U. D. N. da parte de todos os aventureiros que, desde o Senado da Republica até os pasquinhos de imprensa, não cessam de lhe ladrar nos calcabures. Já dizia o velho Cyrano de Rostand: "Mais on n'abdicque pas l'honneur d'être une cible!"
Dobrado agora o cabo da jubilação, não teria qualquer escusa para fugir aos encargos, ilsonjeiros sem dúvida, mas trabalhosos algumas vezes, com que me tendes honrado. Tenho procurado, na medida de minhas forças, desenvolver a ação do Conselho Técnico Consultivo, de cuja atividade depende muito o Partido para a eficacia de suas campanhas.

Em recente discurso, pronunciado por ocasião de uma manifestação de amigos, muitos dos quais aqui presentes, tive a oportunidade de contar como, por ter passado varios anos no estrangeiro, achei-me um tanto "desambientado" ao regressar ao Brasil em 1913. A Escola Politécnica, na qual ingressé em 1914, foi onde retomei contacto com o nosso meio, constituindo ela para mim como que uma segunda familia. Desta me separei recentemente pela aposentadoria.

Agora, "puesto ya el pie en el estribe" como dizia Cervantes em seus ultimos dias, ainda me resta uma terceira e mais numerosa familia, que é aquela em que nos encontramos reunidos esta tarde: o Partido. Familia distribuida por todos os recantos da Patria, na qual, como nas outras, também ocorrem as pequenas desavenças, os desentendimentos temporarios, mas em que, nos momentos decisivos, todos se unem por um ideal comum.

E é no selo dela que tenho a honra de receber, nas palavras demasiado elogiosas do Plínio, esta comvente demonstração de estima dos meus correligionarios.

E' preciso desculpar o Plínio, esse estupefado criador de planos e sementeiro de idéias, trabalhador incansavel, cuja atividade prodigiosa val dos mais complexos problemas aos mais movimentados comícios, por ter exagerado de tal forma os meus meritos.

O merecido dá-nos qualquer um, o Indiferente, ou mesmo, algumas vezes, o desafeto. Que nos ha de dar o amigo, o companheiro de um quarto de século de lutas se não o merecido?

Ao Diretorio Estadual, ao professor Waldemar Ferreira e ao amigo Plínio, e demais correligionarios que participaram desta homenagem, os meus cordiais agradecimentos.

Após o discurso do prof. Fonseca Teles, que recebeu aplausos de todos os presentes, foi suspensa a reunião por 10 minutos, prosseguindo depois os trabalhos normais do Conselho Estadual da U. D. N.

FESTA DE FORMATURA

CRÔNICA

Pintura de amator tem, em geral, qualquer coisa de infantil, que agrada e até comove. Como os versos que quase toda gente faz na adolescência, ela apresenta uma espontaneidade que faz o crítico perdoar senões de técnica e outros. Deixa de ser obra de arte pura, para ser um documento humano, valioso. As vezes, porém, encontram-se entre os "dilettanti" alguns sabidos de verdade e cuja obra mostra conhecimentos próprios dos que passam anos em academias ou "ateliers" para aprender cânones e segredinhos.

Uma exposição de amadores apresenta, portanto, muito interesse. Se alguns trabalhos provam talento, outros têm poesia. Se estes conseguiram, mal grado a falta de artesanato, um colorido bonito, aqueles têm um desenho impressionante. Também é curioso verificar que o amator tem sempre um tema, um assunto, não se abalança a pintar coisas abstratas ou surrealistas...

Estas ideias vieram-me à mente por causa da exposição organizada por minha colega Maria Antonia, no salão da Editora Hermes. Entre os trabalhos expostos, muitos são assinados por senhoras da nossa sociedade e muitos por conhecidos... poetas ou escritores. Entre os primeiros, destacam-se os de Rose Frontini Borba.

Isto, porém, não é uma crítica e sim um registro. Como a exposição é interessante e ha nela grande numero de nomes femininos, não quis deixá-la sem um comentário. Ademais, tem ela um objetivo muito alto: toda a renda obtida com a venda dos trabalhos, que são baratissimos, será dada à Santa Casa de Tatuí. A julgar pela atenção que ela despertou, desde a inauguração, essa exposição já constituiu um êxito não só social como financeiro. Logo ao primeiro dia foram adquiridos varios trabalhos, entre os quais um desenho assinado pelo poeta Guilherme de Almeida. E os trabalhos de arte aplicada, incluídos na mostra, também têm sido muito elogiados.

Maria Antonia está, portanto, de parabéns. Conseguiu organizar uma exposição original, e, com ela, fazer um grande bem, qual seja o de auxiliar o hospital que ha tantos anos vem socorrendo a quantos doentes pobres aparecem na tradicional e bonita cidade de Tatuí.

E agora um lembrete: a exposição de amadores é na rua 7 de Abril, 252 - 8.º andar e encerra-se a 10 de fevereiro proximo.

Capitú

Conserve sua Roupa Pessoal como nova. Lave-a sempre sem esfregar na suave espuma dos FLOCOS LUX. POUCOS CENTAVOS DE LUX POUAM MUITOS CR\$S EM ROUPA.

PARAVENTI. Este café é uma mensagem de estímulo e de otimismo que Paraventi lhe envia, como uma recompensa para o seu coração e para sua alma.

QUE BOA PARA OS LIVROS PRECIOSOS! Un grás cam medi opin te e rigr Ur sa M tent mec cost

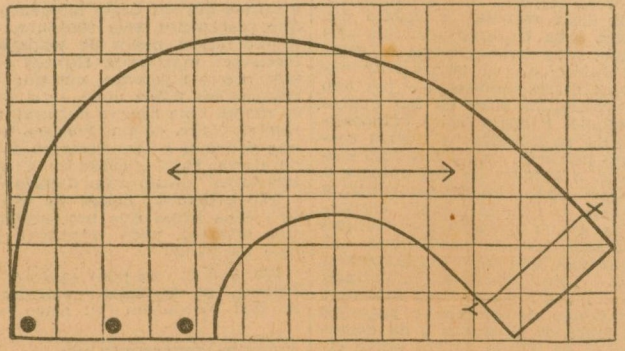
GOLA POSTIÇA

PENNY WISE



Esta gola, facil de confeccionar, pode servir para a reforma de um vestido ou para dar uma nota alegre a um vestido escuro. (Foto Reuter — Esse-Press)

Material — 45 cm de tafetá quadrado, por 90 cm de largura. 1 m e 35 cm de fita de veludo, de 60 mm de largura. 1 m e 35 cm de passante, de 2 e meio cm de largura. Moldes — Corte-os pelo diagrama. A flecha assinala o fio direito da fazenda. As pintas escuras assinalam a margem a ser deixada na dobra.



Um molde simples é tudo quanto você necessita para fazer a gola postiça. Corte os moldes por este diagrama (cada quadradinho equivale a 2 e meio cms. (Foto Reuter-Esse-Press)

XY marca o ponto exato onde se deve virar o tecido. Instruções para o corte — Deixe costuras de 1 e meio cm quando cortar. Corte um pedaço pelo molde. Corte uma fita de enfiés, de 2 cm de largura e 1 m e 80 cm de comprimento. Corte um enfiés de 1 m de comprimento por 2 cm de largura. As fitas juntas, onde necessário. Instruções para a costura — 1 — enfiés do avesso, alinhava e introduza a bainha. 2 — O babado do pescoço é costurado da mesma forma. 3 — Vire a superfície para abertura marcada, e introduza a bainha na posição certa, deixando um excesso de 1 e meio cm. 4 — Alinhava o passante em volta do pescoço e na beirada externa da gola. Costure a máquina as extremidades do passante. 5 — Pregue os botões e passe tudo muito bem. (Reuter-Esse-Press)

A mulher e a medicina

JOAN MARTIN



PIG G.B as ago aos do mul LO: histo assur tante so de sideo trico no f na, d dorse dica, Un grás cam medi opin te e rigr Ur sa M tent mec cost

Pagina Feminina ANA GRIGORIEVA

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

A pretensa vida literária pode ser acidente na vida real... Quantas criaturas culdaram na juventude que programariam a existência infelicitosa em tarefa exaustiva, a realidade porém malbaratando esse equívoco! Mas a vocação autentica — tão tremenda que Baudelaire a amaldiçoou — pode asoberbar a existência real, não obstante mesmo todas as dificuldades.

Raro será hoje um escritor que ainda possa (como fez Anatole ou como ainda faz Shaw, em ambiente magnífico) trabalhar rodeado de conforto e de lucros, ou então (como aconteceu a Chénier, Byron e d'Annunzio) que consiga sublimar a vida cotidiana através do triunfo literário.

... A verdade é, porém, que a existência dos grandes escritores é quase sempre vida, paixão e sofrimento de "pobres diabos" desajustados com a rotina maciça. Chega a ser um problema averiguar se um Dostolevski, por exemplo, teve em seus sofrimentos um adicete para realizar a sua obra, ou se eles foram um estorvo para isso. Pudessem todos forrar as paredes da sala com cortiça, como fez Proust para se isolar das interferências!

Estas considerações, aplicáveis em todos os sentidos na bio-bibliografia de maiores escritores do mundo, darlam um romanceiro ou uma tese medica... senão uma tragedia existencialista.

Se nosso coração se estralha testemunhando a longa loucura de Hoelderlin, os ultimos tetricos cinco anos de Nietzsche, o misterio equatorial de Rimbaud, os brados de agonia de Poe, a miseria de Verlaine, a fuga para alem de todos os limites dum Gauguin, o delirio de cores dum Van Gogh, a misantropia de Kafka, o delirio de Camus — tipos esses e provas estas dum romance ora a Villon ora a Gérard de Nerval, cujos personagens seriam os grandes escritores ou artistas — confinemo-nos porém no capitulo mais angustiante da vida dum ex-condenado à morte: Dostolevski.

Se a beleza e o fulgor de Natália Gontcharova, a lindissima esposa de Pushkin, foram na existência do autor de "Boris Godunov" a causa da tragedia que o destruiu; se Sofia Andreievna, a mulher de Tolstol, representou o latego de cossaco que o atormentou durante a maior parte da vida e se transformou em instrumento de martirio na velhice do evangelizador de "Ressurreição"; se a benfazeja Ana Grigorieva, um destino propicio reservou o papel de salvadora de Dostolevski e, por isso, de protetora e guardiã da melhor parte de sua obra.

E, em verdade, impressionante e comovedora a influencia por esse criatura exercida na tormentosa existência do imenso romancista. Sem ela talvez o mundo não contasse em seu patrimonio espiritual algumas das suas maiores obras de ficção, tais como "O Idiota", "Os Possessos" e "Os Irmãos Karamazov", pontos culminantes da novelística do russo genial, e todas elas posteriores ao advento de Ana Grigorieva.

Todavia, a preponderancia da segunda esposa de Dostolevski não se projetou à maneira de beleza radiosa, como se deu — por exemplo — com Marta Abba junto da velhice gloriosa de Pirandello, após o pesadelo de sua vida conjugal com a musa do ciúme. A ação da moça russa se exerceu muito mais no ambito da vida pratica e domestica, com menos brilho, mas com eficacia autentica, lutando com paciência e tenacidade a fim de proporcionar ao romancista certas condições mínimas para levar a termo a sua obra. Como se vê, o papel aparentemente restrito mas na realidade proficuo de esposa. E nem mesmo como sistema de trabalho ela se parece com Dorothy Brett, a admiravel companheira de segunda metade da vida de Lawrence, visto que se restringe de fato à ação. Vejamos, porém, como o destino, nem sempre inimigo e algoz, colocou no caminho do criador de Ras-kolnikov aquela que hoje bendizemos.

Dostolevski se casara por amor com Maria Dmitrievna Issaeva, que dentro em breve se transformaria em mais um elemento perturbador dessa vida já de si tão perturbada. Pois não o compreendendo absolutamente, não tendo paciência para suportar as suas crises de epiletico, não tinha alma nem sensibilidade para perdoar os desatinos do louco genial, e muito menos indulgência e doçura para procurar atenuar os desajustamentos de tão excepcional existência. Dentro de alguns anos Maria Dmitrievna veio a falecer, minada pela tuberculose e pelo sofrimento.

Durante quatro anos o escritor

arrastou a sua tetrica solidão e a sua agitada vivuvez, através das atribulações financeiras mais prementes, numa continua luta que a bem dizer o escravizava nas mãos inescrupulosas dum famigerado editor. E foi a essa altura que, num gesto providencial, o destino houve por bem situar em seu caminho essa admiravel criatura — Ana Grigorievna Svitkina — a principio como sua secretaria, logo mais, impellido por um sentimento de verdadeira adoração por parte dela e de infinito carinho por parte dele, transformada em sua esposa e companheira para o resto dos seus dias.

De então em diante, se a existência do romancista não adquiriu um autentico equilibrio — de todo impossivel dadas as contingencias advindas da epilepsia adquirida no seu exilio da Siberia, "o país longínquo" — conforme o sinistro eufemismo de que se valiam os pais-péis oficiais — a realidade é que, m cê do vigilante carinho e do bom-senso de Ana Grigorievna, pôde Dostolevski se ver livre da tirania dos credores e das explorações do seu editor. E, mais que tudo: nas crises da molestia que periodicamente o acometiam, bem como nas complicações a que o seu vicio de jogador impetente o arrastava, ao invés dum azorrague de recrimnações e azedume, encontrou sempre um regaço piedoso e indulgente para se acolher e repousar, ou onde curtir o arrependimento já de si tão amargo.

A proposito: Muito se tem falado de Dostolevski jogador. Certos suplementos literarios, em suas seções de "novidades caducas", chegam a afirmar com pontos de exclamação que ele empenhava não só as jolas como até as roupas da esposa para jogar em cassinos da Europa Central, depois de perder o dinheiro que editores lhe haviam adiantado. Todavia — restringindo tal escandalo às devidas proporções — o que Dostolevski jogou a vida inteira não chegou a ser a parádia de uma noite de qualquer frequentador dos cassinos "rastaqueras" da America do Sul ou da Côte d'Azur. O civil itinerante de Dresde, Baden-Baden e Hamburg era, na questão monetaria, um pobre diabo cujo dinheiro trocado em fichas não bastava para o apontador taciturno esperar a repetição dum numero e polgar rodea-lo de fichinhas. As vicissitudes da vida de Dostolevski foram apenas agravadas nas suas naturais dificuldades pelo jogo, por cujo

LITER A ESTREL

Foi assim: Estavamos dormindo sossegadamente, quando fomos despertadas por um lindo anjo azul. Disse-nos que Deus o mandara para levar-nos a um passeio à Lua. Nunca havíamos ido a esse satellite. — Que é um satellite? — perguntou o pantano, interrompendo-a. — Satellites — explicou ela, pacientemente — são planetas secundarios. A Lua por exemplo é um satellite da Terra, vive girando em torno dela. — Não compreendi bem — disse o pantano. — Satellite — ensinou eis, é um planeta pequeno. — Ah! agora entendi. — Nós pensavamos que nela vivia um santo chamado São Jorge — continuou a estrela, junto com um dragão, porque das nossas constelações, vemos direitinho a figura desse santo, matando o dragão com sua grande lança. — Eu tambem penso que seja São Jorge e o dragão — disse o pantano, surpreendido. — Não, lá não vive ninguém, tudo é ilusão; é a sombra das montanhas da Lua, que forma uma silhueta parecida com a desse santo. São Jorge vive no Céu, bem pertinho de Nosso Senhor. A Lua é quase gelada — continuou Sirius. Sentimos tanto frio, que nos aproximamos uma das outras para nos aquecer. Nesse satellite tudo é triste e deslocado, não há agua como flores, não há animal de especie alguma; nem os passaros que cantam. De distancia em distancia, vêem-se montanhas altissimas, to

